

## AS FAVELAS E OS MORADORES DE RUA DO CAPITAL: homogeneidade imposta pelo pauperismo

Christiane Pimentel e Silva<sup>1</sup>

### RESUMO:

As habitações inadequadas e improvisadas e as pessoas em situação de rua que se aglomeram ao redor do espaço urbano, buscam trabalho, educação, saúde e infraestrutura ofertados apenas para área geográfica de crescimento do capital. Por isso, a constante migração para os centros urbanizados tornam mais aparente a riqueza e a miséria produzidas pelo capital, materializadas através do desenvolvimento da construção civil e da desordem das favelas e da ocupação das vias públicas para moradia, impondo à pobreza uma face mundial uniforme.

**Palavras-chave:** favelas, moradores de rua, uniformidade da miséria.

### ABSTRACT:

The improvised and inadequate housing and people on the street that cluster around the urban areas, seeking jobs, education, health and infrastructure offered only to the geographical area of capital growth. Therefore, the constant migration to the urbanized centers become more apparent wealth and misery produced by capital, materialized through the development of construction and disorder of the slums and the occupation of public roads for housing, poverty imposing a uniform world view.

**Keywords:** slums, the homeless, the uniformity of misery.

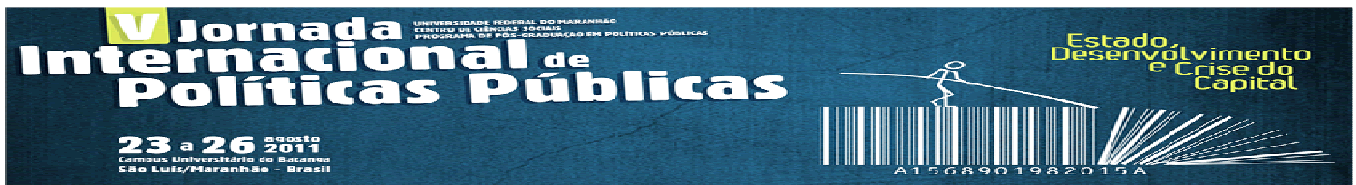
## 1. INTRODUÇÃO

Para Marx (2008) quanto mais rápida a acumulação de capital, tanto mais miseráveis são as habitações dos trabalhadores. Isto porque a centralização dos meios de produção é proporcional ao amontoamento de trabalhadores no mesmo espaço. Em trecho de “O Capital”, diz Marx (2008, p. 766-767):

[...] Numa paróquia de Londres, a Saúde Pública contou 581 pessoas por acre, embora incluísse no cálculo metade da largura do Tâmsa. É claro que toda a providência de fiscalização sanitária que desaloja os trabalhadores das casas demolidas por inabitáveis, como é o caso de Londres, serve apenas para lançá-los em outro bairro onde a aglomeração ainda é maior. [...] Quanto mais rápido se acumula o capital numa cidade industrial ou comercial, tanto mais rápido é o afluxo do material humano explorável e tanto mais miseráveis as habitações improvisadas dos trabalhadores.

Marx publicou a obra citada no ano de 1866 e 145 anos depois a situação da exploração do trabalho e das habitações sob o capital continuam extremamente semelhantes. Sendo assim, porque também não estaria a crítica do autor a este modo de produção? A situação em sua base ontológica é a mesma que foi analisada por Marx, pois de acordo com Mézáros (2006) o capital possui como tendência ontológica fundamental, um impulso à expansão. Para o autor, a reprodução capitalista necessita constantemente de uma auto-valorização, ou seja, a

<sup>1</sup> Mestre. Universidade Federal do Pará – UFPA. lilacbrik@yahoo.com.br



criação de um novo valor acrescido.

A acumulação de riqueza, segundo Marx (2008), só pode ser obtida com a exploração do seu antagonista estrutural, o trabalho, através da apropriação da mais-valia. É imperativo ao capital a reprodução através dos mecanismos de produção da mais-valia e, esta permite não somente a continuidade do capital como também sua acumulação. Esta valorização crescente do capital produz o pauperismo, porque a busca da mais-valia é impulsionada pelo desenvolvimento da produtividade do trabalho.

No capitalismo ocorre um processo de separação do trabalhador do produto do seu trabalho. No entanto, cabe acrescentar que o capital expropria o trabalhador da produção de seus meios de subsistência, para que este não consiga sobreviver sem a venda de sua força de trabalho. Atraídos pelo circuito de acumulação do capital, muitos trabalhadores buscam nas cidades uma forma de inserção no mercado de trabalho.

Para cumprir com as exigências do capital, precisam morar perto do local que os empregaram, mas como não possuem dinheiro suficiente para pagar os aluguéis da cidade, passam a morar no local da cidade em que normalmente não há regularização fundiária ou infraestrutura, o que reduz os custos de moradia. Além disso, nesta área de habitação predominam as moradias precárias construídas com materiais que não resistem às intempéries, denominadas de favelas, que de acordo com o Programa das Nações Unidas para os Assentamentos Humanos (UN-HABITAT), ocorre a falta de serviços básicos, como esgotamento sanitário, rede de abastecimento elétrica e iluminação das vias públicas, coleta de lixo, policiamento, distribuição de água potável etc.

O ciclo de expansão do capital que os atraiu, ao atingir sua acumulação inerente, cresce posteriormente, retraindo a contratação de mão-de-obra, liberando parte destes trabalhadores. No entanto, atualmente, as favelas não são apenas assentamentos de trabalhadores do capital (empregados ou desempregados), mas também abrigam pequenos estabelecimentos ligados ao capital mundial através de subcontratações, formando uma cadeia produtiva designada por Harvey (1992, p. 145) de “pirâmide de fornecedores”.

O quadro revela que sob o capital, a formação de riqueza e de miséria são um par dialético insolúvel e, por isso, as cidades concentram de um lado toda a inovação tecnológica e arquitetônica e de outro lado, moradias insalubres, como as de favelas e uma determinada população em situação de rua. Afirma-se que ambas as condições são impostas pelo mesmo circuito de formação da riqueza no modo de produção de capital.

## 2. A DINÂMICA DO PAUPERISMO REVELADA NA LEI GERAL DA ACUMULAÇÃO CAPITALISTA DE MARX

O valor da mercadoria força de trabalho, tal como as outras mercadorias, é determinado pelo tempo de trabalho necessário, este tempo se constitui na produção dos seus meios de subsistência. A esta parte da jornada de trabalho, Marx (2008) denominou de *necessária*. Vale recordar, que o capitalista compra a força de trabalho durante um determinado período de tempo, superior ao tempo de trabalho necessário, isto porque, com a jornada necessária, o trabalhador produz um valor para o capitalista que paga todo o capital constante e o capital variável<sup>2</sup> empregado, mas de maneira nenhuma esse valor é suficiente para a acumulação de capital. A jornada de trabalho possui então uma parte *excedente*, a qual o trabalhador continua produzindo (um sobreproduto), mas que constitui trabalho não-pago, a mais-valia que adiciona assim, mais-valor ao capital inicial investido.

O processo de circulação do capital, capaz de realizar a metamorfose da mais-valia é dada pelo circuito **dinheiro – mercadoria – dinheiro acrescido** (D – M – D'). Este processo demonstra que o objetivo da produção capitalista, é produzir mais dinheiro que o dinheiro anteriormente investido, uma expansão contínua de valor. Deve-se lembrar que o invólucro material da riqueza é a objetivação do trabalho social, que no capital assume a forma mercadoria.

Na mesma obra, Marx (2008) representa a jornada de trabalho através da síntese abaixo, transposta na figura 1:

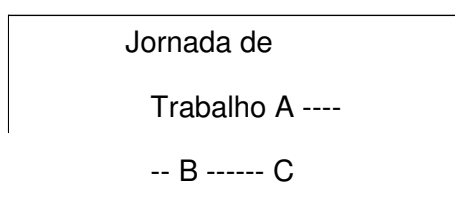


FIGURA 1 – Jornada de trabalho Fonte: Marx, 2008, p. 345.

A extensão AC representa a jornada total de trabalho, que se quiser supor o regime da Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT) é de 8 horas. Por essa jornada de trabalho, o trabalhador recebe o salário, da mesma forma, pode-se dizer que em 2010, o salário mínimo

<sup>2</sup> De acordo com Marx (1996), a parte constante do capital é constituída do valor dos meios de produção e, a parte variável, refere-se ao valor da força de trabalho, a soma global dos salários

brasileiro correspondeu ao valor de R\$ 510,00 (quinhentos e dez reais). Para Marx (*ibidem*) a forma salário oculta todo o vestígio desta divisão da jornada de trabalho em trabalho necessário e trabalho excedente, trabalho pago e não-pago, pois todo trabalho aparece como pago e, assim, na aparência da jornada de trabalho só é vista a extensão AC. No entanto, a jornada de trabalho é a soma de AB e BC (Jornada de trabalho = AB+BC), onde a extensão AB corresponde ao tempo de trabalho necessário ou 4 horas e, BC, equivale ao tempo de trabalho excedente, num período também de 4 horas.

Para aumentar a produção de mais-valia, ou seja, prolongar o trabalho excedente, o capital pode prolongar a jornada de trabalho ou intensificar as tarefas, conservando o tempo de trabalho necessário e, a este modo de aumentar o sobretrabalho, Marx designou de *mais-valia absoluta*. Porém, esta forma de produção da mais-valia, que torna variável a parte da jornada de trabalho excedente ou mais-trabalho, só pode variar dentro de certos limites: 1) um limite posto pelo desgaste físico da força de trabalho, pois o trabalhador precisa satisfazer suas necessidades físicas, como alimentar-se, descansar etc.; e 2) um limite social, pois o trabalhador necessita de um tempo para satisfazer necessidades espirituais e sociais “cujo número e extensão são determinados pelo nível geral de civilização” (*ibidem*, p. 271).

A superação desses limites ao aumento da mais-valia, indispensável à reprodução do modo de produção capitalista, é possível com a mais-valia relativa, que segundo Marx (*ibidem*) resulta do recuo das barreiras naturais ou o acúmulo de inovações técnicas que, elevam a produtividade social do trabalho, diminuindo o valor dos produtos necessários à sobrevivência do trabalhador, portanto, reduzindo o tempo da jornada necessária. Assim, mesmo que não se altere o tempo ou a intensidade da jornada de trabalho, ao minimizar o tempo necessário, cresce o tempo de sobretrabalho. É o que anuncia Marx (2008, p.431):

[...] na produção da mais-valia, na forma até aqui considerada, o modo de produção é suposto como dado, não basta de modo algum, para produzir mais-valia mediante a transformação do trabalho necessário em mais-trabalho, que o capital se apodere do processo de trabalho em sua forma historicamente herdada ou já existente, e apenas alongue sua duração. Tem de revolucionar as condições técnicas e sociais do processo de trabalho, portanto, o próprio modo de produção, a fim de aumentar a força produtiva do trabalho, mediante o aumento da força produtiva do trabalho reduzir o valor da força de trabalho, e assim encurtar parte da jornada de trabalho necessária para a reprodução deste valor.

A mais-valia relativa, portanto, na análise marxiana, decorre da mudança na proporção entre os dois componentes da jornada de trabalho, conforme podemos observar na figura 2, a seguir.

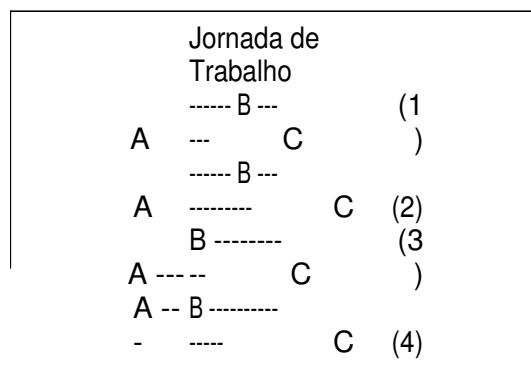


FIGURA 2 – Mais-valia relativa e absoluta na jornada de trabalho. Fonte: Marx (1996) - Elaboração própria.

A jornada de trabalho (1) servirá de auxílio a compreensão da mais-valia absoluta e relativa. A jornada de trabalho (2) representa a mais-valia absoluta realizada através do prolongamento da jornada de trabalho, como pode ser observado, a parte necessária da jornada não sofreu nenhuma alteração, somente a parte da jornada que cria o mais-trabalho foi acrescida. A mais-valia relativa apresenta-se na jornada de trabalho (3), que quando comparada à jornada (1) revela que a jornada total de trabalho não foi estendida, mas mesmo assim, o tempo dedicado a criação de mais-valia foi maior, isto porque nesta produção já há o processo de inovação tecnológica, que reduziu o tempo de trabalho necessário. A jornada (4) ilustra a situação em que há ao mesmo tempo a produção de mais-valia relativa e mais-valia absoluta, ou seja, mesmo com o desenvolvimento das forças produtivas, que como dito acima, diminui o tempo de trabalho necessário, houve o prolongamento da jornada de trabalho, produzindo o maior período de mais-valia convertido em mais-produto para o capital.

A exploração do trabalho no capital que ocorre sempre através da produção de mais-valia permite, como pode ser deduzido a partir da figura 2 acima, que o capitalista dispense a mão-de-obra, pois os trabalhadores que possuem jornadas de trabalho semelhantes a (2), (3) e (4), produzem sozinhos um sobreproduto maior que a jornada de trabalho (1), conseqüentemente os métodos de produção de mais-valia são, simultaneamente, métodos de acumulação, pois sob a forma capitalista, qualquer desenvolvimento da força produtiva transforma-se em meio para aumentar a extração de mais-valia.

Diante deste quadro, Marx (2008, p. 263) afirma no capítulo XXIII de “*O capital*”, sobre a lei geral da acumulação capitalista, que a população excedente é, simultaneamente, produto e “alavanca” da acumulação ou do desenvolvimento da riqueza capitalista, até “uma condição de existência do modo de produção capitalista”.

### 3. HOMOGENEIDADE DO PAUPERISMO IMPOSTA PELO CAPITALISMO

A reprodução do capital sintetizada acima, permite a afirmação de que as condições materiais de exploração do trabalho, imperativas à acumulação e, portanto, que garantem a continuidade do capitalismo, restringem drasticamente as reais necessidades humanas enquanto maximizam a mais-valia.

Este movimento de acumulação do capital faz com as cidades concentrem indústrias, comércio e serviços, que atraem trabalhadores para a área urbana. Além disso, o capital acumulado precisa ser realizado na circulação, ou troca de mercadorias e assim, a necessidade do escoamento da produção faz desenvolver os meios e vias de transportes, comunicações etc. Dessa maneira, a cidade abrange também a infraestrutura e a prestação de serviços públicos que não irradiam de forma ampla para as áreas rurais.

A população sobrando que não consegue emprego longe das grandes cidades, se desloca em busca de emprego, ou para obter serviços como saúde e ensino, conforme pode ser observado na tabela 1, abaixo. Desempregados ou empregados na periferia do capital, possuem rendimento ou salários incompatíveis com os altos custos da cidade estruturada e, por isso, vivenciam uma vulnerabilidade locacional, transformando-se em pessoas em situação de rua ou moradores de favelas.

**TABELA 1**  
Distribuição dos migrantes, por sexo, segundo motivos declarados para o último deslocamento, no Brasil, 2001.

Motivos Declarados	Homens (%) Total (%)	Mulheres (%)	
Trabalho da Pessoa	34,7	11,8	23,1
Estudo da Pessoa	2,7	3,2	2,9
Saúde da Pessoa	1,6	1,6	1,6
Moradia	11,0	9,4	10,2
Acompanhar a Família	39,6	63,0	51,5
Dificuldade no relacionamento familiar	1,5	2,4	2,0
Outro Motivo	8,9	8,5	8,7
Ignorado	0,1	0,1	0,1

Fonte: IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD, Brasil, 2001.

A tabela 1, revela os principais motivos do deslocamento, declarados pelos migrantes no Brasil, sendo a busca pelo trabalho, o principal motivo para o chefe da família migrar. A família se desloca para acompanhar aquele que encontrou uma ocupação.

As pessoas em situação de rua e as favelas, ao contrário do que os mecanismos

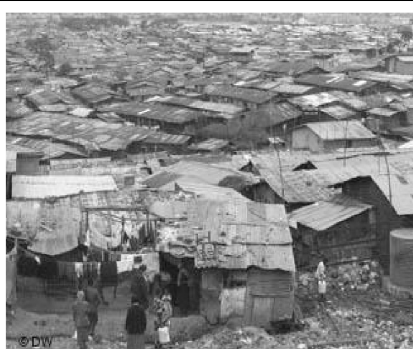
ideológicos do capital relatam, não é exclusividade dos países em desenvolvimento, pois como dito antes, o capital cresce produzindo seu par estrutural, a miséria.

Atualmente, com a expansão dos mecanismos de organização flexível do capital, não raramente, as favelas e a população em situação de rua está ligada por “fios invisíveis”<sup>3</sup> ao movimento do capital. Harvey (1992) explica que a pirâmide de fornecedores é representada pela empresa de grande capital que contrata os fornecedores de primeiro nível que por sua vez, precisará contratar uma terceira empresa de fornecedores de segundo nível etc. Esta relação é vantajosa para as empresas de grande capital porque permitem a transferência de seus custos com a manutenção de estoques e força de trabalho para as empresas subsidiárias.

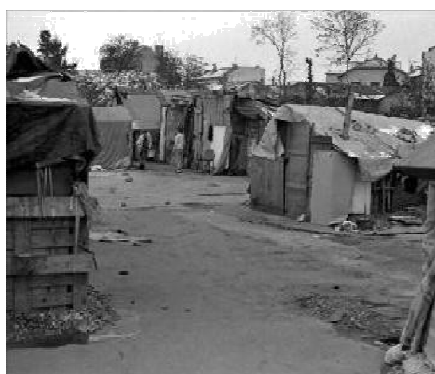
Por meio da figura 3, abaixo, é possível observar que a miséria não é restrita aos países em desenvolvimento, e também que as condições precárias de moradia e infraestrutura são semelhantes e mesmo com arquiteturas homogêneas.



a)



b)



c)



d)

<sup>3</sup> Expressão utilizada por Marx (1996) e atualizada por Tavares (2004) para designar a produção realizada fora do espaço fabril (formas de trabalhos autônomos), mas articulada ao capital. Os “fios invisíveis” escondem que muitos dos trabalhos denominados de terceirizados, precários, ou autoempregos desempenham funções importantes à sobrevivência, assim como também constituem uma exigência do movimento de acumulação do capital contemporâneo.

FIGURA 3 – Homogeneidade das favelas no capital.

- a) Dharavi, Mumbai, Índia.
- b) Favela de Kibera, Nairobi, Quênia – a maior da África.
- c) Lyon, França.
- d) La Jungla, Madrid, Espanha.

Fonte: a) Revista AU jun.2006, p. 70; b) Moja Moja-Kibera; c) Lexpress-FR d) Jornal 20 Minutos-ES.

A partir da tabela 2, a seguir, verifica-se mesmo que a riqueza dos países, mensurada seu Produto Interno Bruto (PIB<sup>4</sup>) ou *Gross Domestic Product* (GDP), seja elevada, sua população ainda convive com a miséria, revelada por seu IDH e também pela porcentagem elevada da população que mora em favelas. A favela de Dhavari se articula ao centro financeiro de Mumbai por meio de suas quase cem mil pequenas unidades fabris, improvisadas nos quintais, gerando mais de meio milhão de dólares ao ano (GAZETA DO POVO, 2009).

Os tetos de lata da favela de Kibera abrigam não apenas os trabalhadores autônomos, mas também funcionários de órgãos públicos, como dos correios, e de empresas de grande capital como a Coca-cola. Estes trabalhadores, no ano de 2009 recebiam o equivalente mensal a R\$ 180,00 (cento e oitenta reais) (MATIOLI, 2009). Segundo o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos (DIEESE), no mesmo ano, 2009, o salário mínimo brasileiro foi de R\$ 465,00 (quatrocentos e sessenta e cinco reais).

TABELA 2  
Comparação entre indicadores socioeconômicos de países selecionados

País	População	GDP (US\$ dollars)	IDH	Percentual população vivendo em favelas (%)	Taxa de Desemprego (%)
Quênia	40.046.566	65.95 billion	0,470	70	40
Índia	1.155.347.678	4.046 trillion	0,519	55	10,8
França	62.616.488	2.16 trillion	0,872	-	9,5
Espanha	45.957.671	1.374 trillion	0,863	-	20

Fonte: *The World Factbook*, Cia 2010; Ranking IDH 2010-PNUD; *The World Bank*, 2010; UN-Habitat, Slums.

Notas: (\*) GPD (*Purchasing Power Parity*)  
(-) Dados não disponíveis.

<sup>4</sup> De acordo com o IBGE, o PIB é dado pelo total dos bens e serviços produzidos pelas unidades produtoras residentes sendo, portanto, a soma dos valores adicionados finais pelos diversos setores acrescidos dos impostos, líquidos de subsídios.



A tabela 2, também permite verificar que França e Espanha, países com elevado Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), possuem também elevada taxa de desemprego. No entanto, esses países não calculam o percentual de sua população vivendo em favelas. Mas suas favelas não foram geradas pela recente crise imobiliária nos EUA em 2007, pois já existiam antes desse período. Na Espanha, além de *La Jungla*, já existiam também as favelas *Las Barranquillas* e *Solobral*.



FIGURA 4 – Pessoas em situação de rua  
 a) Vancouver, Canadá.  
 b) Los Angeles, EUA.  
 Fonte: a) LAWRENCE (2010); b) New York Times (2010).

A Figura 4, acima, traz pessoas em população de rua, nas cidades de Vancouver e Los Angeles, respectivamente, Canadá – IDH 0,966; 4º país no *ranking* mundial – e Estados Unidos da América (EUA) – IDH 0,956; 13º país no *ranking* mundial. Segundo o *New York Times* (2010), Los Angeles possui cerca de 48 mil pessoas em situação de rua, incluindo 6 mil idosos, que lhe rendeu o título de “capital americana dos sem-tetos”. A crise imobiliária vivida em 2007 pelos EUA, agravou o desemprego crônico e diminuiu as ocupações temporárias geradas pelo movimento do capital, e, conseqüentemente, aumentando o número de moradias precárias, como os acampamentos de lona e pessoas utilizando a via pública como local de descanso.

As cidades dos EUA que por ora abrigam o maior número de desempregados e empregados do capital (que recebem um salário tão ínfimo que são denominados de trabalhadores de economia *underground*), que moram em habitações precárias ou mesmo sem moradia são: Los Angeles, Nova York, Nashville, Tennessee, Olympia, Washington, Saint Petersburg, Flórida, Denver, Atlanta, Seattle, Fresno e Sacramento. Segundo o Centro Nacional de Leis para o Desabrigo e a Pobreza (NLCHP) em seu relatório de 2009, muitas dessas cidades aprovaram leis que criminalizam os sem-teto, no entanto cabe ressaltar que o referido relatório



afirma que nos EUA metade da população em situação de rua trabalha, mas seu rendimento não permite pagar as taxas elevadas do setor imobiliário.

#### 4. CONCLUSÃO

A concentração urbana e espacial da miséria que se torna aparente nas favelas e através das pessoas desabrigadas é analisada pelos ideólogos do capital como anomalia ao desenvolvimento. Entretanto, esta contradição é parte inerente ao desenvolvimento do capital que atende a seus mecanismos de acumulação e expansão realizados apenas pela extração do sobretrabalho do trabalhador, denominado por Marx de mais-valia. Este movimento de apropriação da riqueza gerada no ato do trabalho produz a miséria absoluta para a maioria esmagadora da humanidade.

A miséria produzida pelo capital reflete também nas condições de moradia e habitação da classe trabalhadora, que para sobreviver depende da venda de sua força de trabalho ao capital, e, por conseguinte, sem esta venda, o trabalhador dispensado do processo de acumulação, sobrevive através de rendimentos mais insuficientes do que os pagos pelo capital, repercutindo diretamente nas condições de vida do trabalhador. Assim, o trabalho sob o capital é miserável, mas também o é o trabalhador que não consegue inserção no mercado de trabalho.

A moradia adequada inclui a certeza de habitar uma determinada área geográfica que não corra perigo de remoção, possuir condições de moradia capazes de proteger os habitantes das intempéries do tempo, um valor acessível; além de compreender também o acesso aos serviços públicos (médicos, hospitalares, transportes, creches, escolas e universidades etc.) e infraestrutura (esgotamento sanitário, tratamento e abastecimento de água, coleta e tratamento dos resíduos, energia elétrica). Dessa maneira, a busca pela moradia adequada traduz-se em melhoramento da infraestrutura e rede de serviços, não apenas nas áreas urbanas, mas também nas áreas rurais e, principalmente para garantir as necessidades reais da humanidade e não somente para servir ao circuito de acumulação do capital. Esse desenvolvimento real da humanidade em Marx (2008) só ocorrerá com a superação do próprio modo de produção capitalista.

#### 5. REFERÊNCIAS

A ÍNDIA nas favelas de Mumbai. Gazeta do povo. 01 mar. 2009. Disponível em: <[www.gazetadopovo.com.br](http://www.gazetadopovo.com.br)>. Acesso em: 03 jan. 2011.



BBC.Tent city highlights US homes crisis. Friday, 14 March 2008, 17:33 GM. One Minute World News. Disponível em:

< [http://www.bbc.co.uk/devon/content/image\\_galleries/ten\\_tors\\_2007\\_gallery.shtml?32](http://www.bbc.co.uk/devon/content/image_galleries/ten_tors_2007_gallery.shtml?32)>. Acesso em: 07 nov. 2010.

DIEESE. Salário mínimo nominal e necessário. Disponível em:

< <http://www.dieese.org.br/rel/rac/salminMenu04-00.xml#2000>>. Acesso em: 10 mar. 2010.

ESPAÑA. 5.000 madrileños viven en chabolas. *El País*. Madrid, 11 dez. 2005. Disponível em: < [http://www.elpais.com/articulo/madrid/5000/madrilenos/viven/chabolas/elpepuespmad/20051211e1pmad\\_2/Tes](http://www.elpais.com/articulo/madrid/5000/madrilenos/viven/chabolas/elpepuespmad/20051211e1pmad_2/Tes)>. Acesso em: 07 nov. 2010.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. 7. ed. São Paulo: Loyola, 1992. IBGE. Censo Demográfico 2000 e Orçamentos Familiares 2002-2003. Disponível em: < [http://www.ibge.gov.br/servidor\\_arquivos\\_est/](http://www.ibge.gov.br/servidor_arquivos_est/)>. Acesso em: 10 mar. 2010.

IPEADATA. Renda e Emprego. Disponível em: < <http://www.ipeadata.gov.br/>>. Acesso em: 10 mar. 2010.

La Comunidad ve factible la erradicación del chabolismo durante la próxima legislatura. *20 Minutos*. Madri, 26 fev. 2007. Disponível em:

[HTTP://www.20minutos.es/noticia/206072/0/chabolas/madrid/salobral/](http://www.20minutos.es/noticia/206072/0/chabolas/madrid/salobral/). Acesso em: 07 nov. 2010.

LAWRENCE, Joey. Fine Art. Disponível em: < <http://www.joeyl.com/>>. Acesso em: 25 fev. 2011.

MARX, Karl. **O Capital**: crítica da economia política. Tradução de Reginaldo Sant'Anna. 22. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. Livro I, v. 1 e 2.

MATIOLI, Ricardo. Kibera: maior favela da África em Nairobi-Quênia. 25 set. 2009. MIAF Missão para o Interior da África. Disponível em: < <http://www.miaf.org.br/artigos.asp?idartigo=57&nome=kibera---maior-favela-da-%C3%81frica-em-nairobi---qu%C3%AAnia-->>>. Acesso em 23 fev. 2011.

MÉSZÁROS, István. **Para além do capital**: rumo a uma teoria da transição. 2. reimpressão. Tradução de Paulo Cezar Castanheira e Sérgio Lessa. São Paulo: Boitempo, 2006.

MÜLFARTH, Roberta C. K. A sustentabilidade e a arquitetura. *Revista AU Arquitetura e Urbanismo*, n. 147, p. 70-73, jun. 2006.

NLCHP. Relatório Queremos casas não algemas. Centro Nacional de Leis para o Desabrigo e a Pobreza. 13 jul. 2009. Disponível em: < <http://www.nlchp.org/>>. Acesso em: 25 fev. 2011.

WORLD DEVELOPMENT. The World Bank. Disponível em:

<http://data.worldbank.org/indicator/SP.POP.TOTL>. Acesso em: 06 fev. 2011.